



JOSÉ SALVADO SAMPAIO

Notas para uma biografia

PAULO SUCENA



Federação Nacional dos Professores

FENPROF

JOSÉ SALVADO SAMPAIO

Notas para uma biografia

Paulo Sucena

I

FUNDÃO: *FONS ET ORIGO*

José Salvado Sampaio nasceu às três horas do dia 29 de Março de 1921, na casa de seus pais, na rua da Igreja, situada no casco velho da então vila do Fundão, hoje desaparecida tal como outras ruelas adjacentes que deram lugar ao actual Largo Alfredo da Cunha. Filho legítimo de José Sampaio, de 36 anos de idade, casado com Maria da Glória Salvado, da mesma idade, ambos naturais do Fundão. Neto paterno de António Joaquim Sampaio e de Mariana Augusta Gaiolas e materno de Aníbal Matos Salvado e de Maria Salvado, a quem se refere, numa entrevista dada ao “Jornal do Fundão” (6.06.03), como exemplo das pesadas responsabilidades que caíam sobre as mulheres em terras do Fundão. Sua avó Maria Salvado era quinteira, isto é, amanhava as terras que arrendava, trabalho árduo a que juntava as tarefas de cuidar da casa e dos filhos. Porém, sua filha Maria da Glória apenas se dedicava à casa, a cuidar das filhas e do filho José e porventura a ajudar o marido no estabelecimento de vinhos e petiscos de que era dono, situado num quelho contíguo à casa de habitação, conhecido por beco do Sampaio.

José Salvado Sampaio foi registado na Repartição do Registo Civil do Fundão, no dia 7 de Abril de 1921, sendo uma das testemunhas do registo José Júlio Paulouro, viúvo, pai de Armando e António Paulouro, seus amigos íntimos e companheiros de jornada, principalmente o segundo quer no “Jornal do Fundão” quer em muitas e diversas actividades de índole cultural.

José Salvado Sampaio nasceu numa vila com cerca de 4 mil habitantes, situada na vertente norte da serra da Gardunha, a 500 metros de altitude, sede de um concelho predominantemente agrícola, onde os artífices, sapateiros e outros, detinham algum peso social.

Como as informações e elementos sobre a sua infância e adolescência no Fundão são muito escassas, permita-se-me imaginar que ele terá dormido porventura num berço de verga de castanho, construídos avulsamente na região, naquela época, e ouvido histórias na velha casa da rua da Igreja varrida pelo vento estrelão. Depois, quando os pés já davam para andar e deixar para trás a soleira da porta da casa paterna é fácil imaginá-lo a observar, curioso e ávido, o avermelhar luminoso das cerejas, o doirado das maçãs e o perfume das peras, saborosas como outras não há. Viveu com certeza dias felizes sentado na beira das eiras, assistindo extasiado ao malhar dos cereais ao ritmo acrobático dos mangoais e alegre terá ido atrás dos ranchos em dia de romaria ou pulado em cima de carros de bois enfeitados de flores e animados pela música do harmónio. O roxo das urzes e o verde dos castanheiros bravos de algum modo terão contribuído para o desenvolvimento da sensibilidade estética da criança enquanto o esforço dos homens a mover, com a força das pernas, uma roda de tirar água, na época das regas, terá vindo a servir mais tarde de material de reflexão. Aprendeu entretanto que, nos dias em que a Primavera começa a despedir-se, vão as cerradas copas dos castanheiros ganhando a brancura das suas flores a que a brisa rouba o perfume com que suaviza a paisagem. E sabia que tinha de esperar a chegada dos primeiros frios para que os ouriços se fossem doirando até chegar a hora de se rasgarem e deixarem as castanhas libertarem-se e os magustos acontecerem. Em plena adolescência teria por certo alternado as idas à taberna do “Pharmacêutico”, levado pelo seu amigo Armando Paulouro, para ouvir a voz de Amália Rodrigues, de quem foi fiel admirador, desde meados de 1930 até à sua morte, com passeatas conversadas por velhas quelhas e ásperas azinhagas à procura de sentidos que por vezes a vida oculta. É plausível também que tenha subido à Portela de Alpedrinha para contemplar o amplo vale do Zêzere a impor-se entre os dorsos das serras da Estrela e da Gardunha. Quem sabe se foi a parda serrania que lhe traçou o perfil pouco expansivo, pouco alegre, um tudo nada austero, mas fascinante por ser animado por um espírito tolerante, aberto, livre e reflectidamente solidário, embebido por uma terna bondade espelhada no brilho dos olhos.

Numa entrevista concedida a Fernando Paulouro Neves (“Jornal do Fundão”, 06.06.2003), José Salvado Sampaio dá-nos uma visão de natureza sociológica do Fundão da sua infância e adolescência. Apesar de, na sua opinião, haver visíveis carências de ordem económica e social, não havia, por outro lado, “nenhuma pessoa rica, embora os pobres chamassem aos ‘remediados’ ricos”. Era uma vila de convivência afável, sem grandes clivagens sociais, onde “eu conhecia todos os fundanenses e todos os fundanenses me conheciam”, diz Salvado Sampaio. Na sua opinião era uma vila baixinha onde não havia casas por andares. A primeira foi construída pelos irmãos Neves, no Largo da Igreja, que ele considerava as primeiras pessoas ricas que conheceu no Fundão. Vila onde a luta política não tinha lugar, ainda que Salvado Sampaio relevasse a actividade política dos artífices e de alguns democratas que participavam em tertúlias nas farmácias existentes no Fundão de que destaca a farmácia Vitória, cujo dono era um democrata, na opinião de Salvado Sampaio. Esta escassa actividade política ganha, mais tarde, um forte incremento com a entrada em cena das “gerações académicas”, enquanto a estrutura social se modifica com a expansão da emigração que operou “uma espécie de democratização das aspirações” que se estende ao vestuário e a hábitos sociais.

Na entrevista que vimos citando, habilmente conduzida por Fernando Paulouro Neves, Salvado Sampaio tece considerações sobre diversificadas questões e deixa-nos precioso material informativo de que respigo um aspecto extremamente interessante que envolve o entrevistado e dois amigos queridos, os irmãos Armando e António Paulouro. Conta-nos Salvado Sampaio que, em 1936, com quinze anos, ao contrário dos seus amigos do Fundão, era partidário dos republicanos que se confrontavam com os franquistas na Guerra Civil de Espanha que se prolongará até 1939. Tomou essa posição fundamentado em livros e outros materiais a que teve acesso e nas conversas mantidas com amigos mais velhos. Esse posicionamento não gerou qualquer conflito com os seus companheiros fundanenses e é o próprio Salvado Sampaio que conta, na entrevista citada, que num dia em que chegou ao Fundão, com material político contrário à ditadura de Salazar, tinha a esperá-lo na estação de caminho de ferro o seu amigo Armando Paulouro que se ofereceu para levar o

material subversivo para sua casa, porque dele ninguém desconfiava. É interessante ainda notar que Salvado Sampaio considerava, na mesma entrevista, que António Paulouro, fundador do “Jornal do Fundão”, de que Sampaio foi colaborador desde a primeira hora, mesmo antes de romper com o regime fascista, tinha atitudes que eram já de esquerda. Aqui se nos depara, como em toda a sua vida, um Salvado Sampaio tolerante e atento ao pensamento e aos procedimentos dos outros porventura numa atitude pedagógica visando o aprofundamento crítico da realidade política, económica e social de uma vila tanto sua como dos seus amigos.

II

PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL

José Salvado Sampaio inicia o seu percurso escolar, na escola primária do Fundão, onde tem como professora Maria Isabel Taborda, no ano lectivo de 1927/28, entrando para a escola com seis anos num tempo em que o início da escolaridade era aos sete anos. No ano lectivo de 1930/31 faz exame da 4ª classe tendo sido aprovado com distinção e com um louvor do júri. O pai foi ao seu estabelecimento comercial e abriu duas caixas de pirolitos para que os colegas de escola festejassem também o êxito do filho. Nesse mesmo texto, publicado no “Jornal do Fundão de 9 de Fevereiro de 2006, Salvado Sampaio confessa que “a recordação favorável da minha 4ª classe e da minha professora influenciaram o meu futuro.”

Concluído o ensino primário não aceitou ir para o seminário, tendo iniciado os estudos liceais na Póvoa de Varzim, no ano lectivo de 1931/32, com o deslumbramento de quem vê pela primeira vez o mar. O mar da Póvoa de Alexandre Pinheiro Torres e José Carlos de Vasconcelos e da poesia de ambos.

Após aprovação no 3º ano, no ano lectivo de 1933/34, rumo a Coimbra onde frequenta os restantes anos do liceu, tendo concluído o 7º ano em 1938. No ano lectivo de 1938/39 frequenta o 1º ano do curso de Ciências Históricas e Filosóficas, na Universidade de Coimbra. Conclui a licenciatura em 1941/42, com a classificação de 15 valores.

Inicia de imediato, em 1942, o seu percurso profissional, na Escola Comercial Ferreira Borges, em Lisboa, a leccionar Português no ensino nocturno em que, com 21 anos, “é o mais novo da turma” (JL/Educação de 25 de Março de 1998). Devo dizer que no seu registo biográfico consta que iniciou a sua actividade docente na Escola Comercial Ferreira Borges, no ano lectivo de 1943/44, onde tomou posse em 16 de Outubro de 1943, como professor provisório do 12º grupo.

No ano lectivo de 1944/45, leccionou, como professor provisório do 12º grupo, na Escola Industrial e Comercial “Jácome Ratton” de Tomar. Em 1945/46, leccionou, como professor provisório do 12º grupo, na Escola Industrial e Comercial Avelar Brotero de Coimbra. No ano lectivo de 1946/47 regressa à Escola Industrial e Comercial “Jácome Ratton” de Tomar.

Nos anos lectivos de 1947/48 e 1948/49, habilitado também com o Curso de Ciências Pedagógicas (14 valores) num tempo em que os estágios profissionais não eram remunerados e os professores estagiários tinham de pagar propinas para os frequentar, José Salvado Sampaio conclui o estágio e é aprovado, com 16 valores, no Exame de Estado para professor do 10º grupo, em Junho de 1949. Em 10 de Outubro de 1949 toma posse como professor provisório na Escola Industrial Machado de Castro. Em 20 de Março de 1950 toma posse como professor auxiliar na mesma escola. Em 16 de Maio de 1950 toma posse como professor efectivo do 10º grupo na Escola Comercial e Industrial de Fonseca Benevides, para onde havia sido nomeado por portaria de 22 de Abril de 1950, publicada no Diário do Governo, nº 112, II Série, de 16 de Maio de 1950. No dia 20 de Dezembro deste ano, com a segurança profissional e salarial de professor efectivo, casou-se, na segunda Conservatória do registo civil de Lisboa, com Maria Luísa de Figueiredo Faria, natural de Cadafais, concelho de Alenquer, precocemente falecida em 2 de Novembro de 1975. Em 27 de Janeiro de 1978 (Diário da República, nº 23, II Série, de 27.01.78) é transferido da Escola Comercial e Industrial de Fonseca Benevides para o 10º grupo B da Escola de Artes Decorativas António Arroio, onde nunca chegou a leccionar por se encontrar destacado noutra serviço. Passou à situação de professor aposentado em 1 de Junho de 1982.

Facilmente se verifica, que a Beira Baixa não teve lugar no seu percurso profissional, porém o Fundão sempre fez parte da sua geografia afectiva e nas chamadas férias grandes, independentemente das idas ao estrangeiro ou do veraneio nas praias da Ericeira ou de S. Pedro de Muel, Salvado Sampaio passava 15 dias, em Setembro, por alturas das festas de Santa Luzia, na sua terra natal. Durante esses dias gostava de conversar com os jovens fundanenses numa esplanada que havia escolhido como poiso certo, onde uma vez foi interpelado por Fernando Paulouro que lhe atirou: “Lá estás tu na catequese”. Provocação mais filha da mordacidade do antigo editor do “Mundo Ri” do que daquilo que na realidade acontecia naqueles diálogos tão ricos quanto abertos, como nos testemunhou Fernando Paulouro Neves, um dos participantes na conversa.

Durante estes quarenta anos, Salvado Sampaio, além da docência, também se dedicou à investigação e à produção de livros, resultantes uns do seu labor investigativo e outros da sua vertente pedagógico-didáctica, como seja a “Gramática da Língua Portuguesa”, Porto, 1959, em co-autoria com Orlando Pinto Baptista, docente da Escola Emídio Navarro, em Almada, desde a sua fundação, em 1955, até ao ano lectivo de 1964/65, professor a quem a Câmara Municipal de Almada atribuiu, em 28 de Junho de 2006, a Medalha de Ouro de Mérito e Dedicção. É de sublinhar que esta “Gramática” teve 12 edições até 1974.

Gostaria de salientar, na sua bibliografia, os três magníficos volumes dedicados ao estudo monográfico do ensino primário, (1911-69) editados pela Fundação Gulbenkian, com o título “Ensino Primário, 1911-69, contribuição monográfica”. O 1º volume, de 1975, dedicado ao período de 1911-26; o 2º volume, de 1976, abrangendo o período de 1926-55 e o 3º volume, de 1977, relativo ao período de 1955-69. Outro livro de leitura imprescindível é “Portugal – A educação em números”, Livros Horizonte, 1980, a que é justo juntar “Posição dos partidos parlamentares perante a Lei de Bases do Sistema Educativo”, ed. da FENPROF, 1988.

Houve períodos em que Salvado Sampaio esteve afastado da escola como, por exemplo, em 1967 em que foi autorizado, por despacho ministerial, a exercer funções no Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian, ou no ano lectivo de 1969/70

em que por deliberação do Conselho Superior do Instituto de Alta Cultura lhe foi concedida equiparação a bolseiro no País, com dispensa total do serviço docente. Depois do 25 de Abril de 1974, exerceu brilhantemente funções como Director de Serviços do Ensino Primário, na Direcção-Geral do Ensino Básico, de 8 de Outubro de 1974 a 25 de Julho de 1976. Nessa data foi nomeado Inspector Superior da DGEB mas foi afastado por Mário S. Cardia em 28 de Julho. Mais tarde, como equiparado a bolseiro pelo Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), estuda a evolução do ensino em Portugal entre o período pombalino e 1926.

Esta tão exigente como profícua actividade não o fez esquecer o seu amor à docência como o mostra numa entrevista à “Seara Nova” (nº 72, 2001) em que afirma: “Para mim a escola foi um factor de alegria, tanto que quando eu tirei o curso do Instituto de Orientação Profissional tive um convite para ir ganhar o dobro numa empresa, para seleccionar pessoal. Não hesitei, preferi continuar na escola.”

III

O PERFIL POLÍTICO-IDEOLÓGICO

O perfil político-ideológico de José Salvado Sampaio foi-se construindo, usando palavras de Piteira Santos, “nos anos trágicos da Guerra de Espanha e nos anos vividos entre a angústia e a esperança da Guerra Mundial; eram os anos do domínio arrogante do fascismo e do hitlerismo, das cintilações dos heroísmos da Resistência na Europa subjugada, do reinado de Salazar, da desorientação provocada pelo pacto germano-soviético, a invasão da URSS, a marcha das divisões blindadas nazis até às portas de Moscovo, o martírio de Leninegrado. Anos de refluxo do movimento político unitário após a dissolução da Frente Popular [em França], anos de crise do movimento operário. Os anarquistas atingidos duramente na repressão sequente ao atentado contra o ditador [Julho de 1937]; os comunistas a braços com uma profunda crise partidária [início da década de 40]; a vastidão da repressão e das infiltrações policiais.”

Toda esta complexidade política, a nível internacional e nacional, desperta e aguça o pensamento crítico do adolescente a frequentar

os dois anos terminais do liceu, mas já um leitor compulsivo de uma variada literatura que vai de Vitor Hugo, a Romain Rolland e a Máximo Gorki do romance “A Mãe”. (JL/Educação de 25/3/98). Com a entrada na Faculdade de Letras, cujo curso de Ciências Históricas e Filosóficas frequenta desde 1938/39 até à conclusão da licenciatura em 1941/42, José Salvado Sampaio tem a oportunidade de mais fundamentadamente alargar e aprofundar a sua reflexão.

O jovem Salvado Sampaio termina o liceu e entra na Faculdade de Letras num tempo efervescente. Um tempo animado por revistas de diversa índole em cujas páginas estalavam com frequência acesas polémicas. De entre elas, é indispensável referir *Sol Nascente* que, fundada no Porto, transferiu a sua redacção para Coimbra, cidade para onde se deslocou Manuel de Azevedo, futuro jornalista do “Diário de Lisboa”, inscrevendo-se, no ano lectivo de 1938-39, na Faculdade de Ciências, ano em que Salvado Sampaio foi “caloiro” em Letras. A missão de Manuel de Azevedo era a de coordenar a redacção e administração da revista que havia sido entregue a estudantes universitários de orientação comunista que a converteram em órgão teórico e doutrinário do marxismo e do leninismo. Joaquim Namorado, Fernando Pinto Loureiro (Rodrigo Soares), Jofre Amaral Nogueira, Armando Bacelar e Fernando Sá Marta eram alguns dos jovens intelectuais que animavam o movimento neorrealista, mais tarde prosseguido pelo *Novo Cancioneiro* e pela revista *Vértice*. As grandes polémicas travadas pelos colaboradores de *Sol Nascente* tiveram como adversários os homens da *presença* e, de entre eles, José Régio cuja poesia e arte poética também foram vivamente contestadas por Álvaro Cunhal nas páginas de *O Diabo*. Transcrevo um excerto de um artigo de Luís Vieira (pseudónimo do estudante de Direito, de orientação comunista, Fernando Sá Marta), porque ele assinala significativos pontos de divergência entre os colaboradores das duas revistas. No artigo intitulado “Para uma explicação concreta dos intelectuais pseudo-livres” (*Sol Nascente*, nº 42, de 15.01.40) Luís Vieira afirma que os modernistas da *presença* se caracterizam pelo “desinteresse da vida social e dos destinos da colectividade, subjectivismo (umbilicalismo), egocentrismo, irracionalismo (intuicionismo), afirmação da confusão de todas as coisas e da

sua impenetrabilidade (obscurantismo), obsessão da originalidade, características que estão interligadas.”

Os redactores de *Sol Nascente* não consideravam literatura viva, utilizando uma expressão usada por José Régio, a literatura dos presencistas, porque, na opinião de Carlos Relvas (pseudónimo de Armando Bacelar), (*Sol Nascente*, nº 44, de 15.12.1939), “a literatura viva é (...) aquela que surge dos movimentos parcelares da vida, a que não se serve da vida porque a serve, a que nasce como expressão e resposta aos dramas humanos de cada época.”

Se a clivagem entre as revistas *Sol Nascente* e *presença* era nítida, situação inversa se verificava entre a primeira e *O Diabo*. A partir de certa altura começou a haver reuniões de coordenação, umas vezes em Lisboa outras em Coimbra, entre os colaboradores de *O Diabo* e de *Sol Nascente* em que participaram, entre outros, Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, Piteira Santos, Joaquim Namorado, Jofre Amaral Nogueira, Fernando Sá Marta, Armando Bacelar.

É legítimo, pela influência que teve junto da juventude universitária, e não só, do Porto, de Coimbra e de Lisboa, referir ainda a revista *Pensamento* que recebeu o contributo e a orientação dos homens de *Sol Nascente* depois desta revista ter sido fechada pela censura em Abril de 1940. Melhor sorte não teve *Pensamento* que se extinguiu em 15 de Dezembro daquele ano, a que se seguiu *O Diabo* cujo último número se publicou em 21 de Dezembro. Antes de todas elas havia fechado, em Fevereiro de 1940, a *presença* dos fustigados José Régio e João Gaspar Simões.

A extinção destas revistas não diminuiu o empenho e a actividade política e cultural de um punhado de jovens que ajudaram, sem dúvida, a formar o cidadão e o intelectual José Salvado Sampaio. O neorrealismo, de que já havia manifestações literárias desde a segunda metade da década de 30 e atingira notoriedade com a publicação de *Gaibéus*, romance de Alves Redol, em 1939, continua a impor-se como “expressão artístico-literária que pressupõe, como filosofia básica, o materialismo dialéctico, como práxis, o primado do social e a vontade colectivamente resgatadora e desalienante na obra de arte”, numa definição que apareceu anónima na revista *Globo* (nº 32, 1.10.44), mas que é da autoria de Mário Sacramento

segundo este revelou a Eduardo Prado Coelho que o confirma no seu livro *Reino Flutuante* (1972).

Prova de uma actividade que não esmoreceu é o aparecimento do *Novo Cancioneiro*, uma colectânea de dez livros de poesia que foi publicada em Coimbra nos anos de 1941, 1942 e 1944. A colectânea inicia-se com o livro *Terra* de Fernando Namora e nesse ano de 1941 saem *Poemas* de Mário Dionísio, *Sol de Agosto* de João José Cochofel, *Aviso à Navegação* de Joaquim Namorado, *Os Poemas* de Álvaro Feijó e *Planície* de Manuel da Fonseca. Em 1942, são publicados *Turismo* de Carlos de Oliveira, *Passagem de Nível* de Sidónio Muralha e *Ilha de Nome Santo* de Francisco José Tenreiro. Em 1944, sai o livro póstumo de Políbio Gomes dos Santos intitulado *Voz Que Escuta*. Entretanto surge uma nova revista, herdeira do neorrealismo, a *Vértice*, cujo primeiro número se publica em Maio de 1942, o segundo em Fevereiro de 1943 e o terceiro em Fevereiro de 1944. A partir de Fevereiro de 1945 a revista passa a ser editada regularmente.

José Salvado Sampaio que, segundo diz em entrevista ao *Jornal do Fundão*, anteriormente citada, com 15 anos, apoia os republicanos espanhóis contra o exército de Franco, e é leitor atento de Romain Rolland que os redactores de *Sol Nascente* (nº 34, 1.03.1939) homenagearam por ser “um dos pioneiros daquele humanismo pelo qual pugnamos e a que ele chamou ‘humanismo humano’.” e de Máximo Gorki não pode deixar de ser influenciado por este cachão de ideias que agita uma Coimbra em muitos aspectos adormecida.

Tanto influenciou que no ano lectivo de 1945/46, quando regressa a Coimbra, para leccionar na Escola Industrial e Comercial Avelar Brotero, passa a colaborar com o Partido Comunista Português (JL/Educação, 25.03.98).

Salvado Sampaio mostrou ao longo do tempo que poderia ter subscrito o que Piteira Santos escreveu em *O Diabo* quando proclama a necessidade de “caminhar de braços abertos e cabeça erguida para o futuro (...). Caminhar: Prosseguir. E *prosseguir é a vida toda.*” Queremos dizer que Salvado Sampaio rejeitou o “modo funcionário de viver” e quando o vemos combater contra o analfabetismo, pela justiça social, pela democratização do ensino, deparamos com o

cidadão e o intelectual que ambicionava contribuir para “reintegrar o homem na sua dignidade humana,” como escreveu Manuel Ribeiro de Pavia.

Quando nos debruçamos sobre a vida e a obra de José Salvado Sampaio fica-nos a convicção de que ele procurou criticamente cumprir o desígnio, já assumido por Vasco de Magalhães-Vilhena, de “ser *inteligentemente* (civilizadamente) aquilo mesmo que dizemos ser”, reconhecendo, como escreveu o filósofo, a importância de que se reveste “a exigência de um racionalismo moderno” que se compagine mais com “um idealismo inteligente” do que com “um materialismo inepto”, como afirmava Lenine, citado por Magalhães-Vilhena.

Quando aos 82 anos, Salvado Sampaio diz que gosta “de ser contestado” (“Jornal do Fundão”, 6.06.2003), confirma a minha ideia de que José Salvado Sampaio conduziu a sua vida próximo daquilo que António Sérgio escreveu algures: “sempre me propus desdogmatizar dogmáticos, aluir exclusivismos, despedaçar cadeias; superar o limitado, o unilateral, o estático; provocar que me corrijam, sem vergonha de errar.”

Em síntese, estou certo de que é legítimo afirmar que o marxista José Salvado Sampaio foi sempre um humanista, um homem que amou com generosidade, simplicidade e grandeza a sua pátria, o povo, a liberdade e a democracia e por eles se bateu com a convicção de quem confia no progresso da humanidade.

José Salvado Sampaio foi sempre um cidadão em sintonia crítica e reflexiva com o seu tempo. Se, por um lado, foi uma voz ideológica, de esquerda, no mundo da educação, por outro, foi uma voz da política, no que esta tem de mais nobre – a defesa de uma prática baseada em princípios, a defesa de estratégias sustentadas por normas éticas, a exigência de uma acção conseqüente em busca da emancipação dos humanos, a assunção de um combate sem oportunismos na construção de uma sociedade democrática, sem exploradores e explorados e sem iníquas opressões políticas, económicas, sociais e culturais.

José Salvado Sampaio é o nome de um homem íntegro, política e ideologicamente.

IV

UMA PRESENÇA VIVAZ NA IMPRENSA

No ano lectivo de 1945/46, Salvado Sampaio viveu e leccionou em Coimbra o que lhe permitiu estreitar os laços de convivência com os responsáveis da revista *Vértice*, nomeadamente com Joaquim Namorado, de quem era amigo, e por isso é natural a sua colaboração no número de Junho de 1946. É um texto de crítica ao livro *Questões Pedagógicas* de A. Lobo Vilela, publicado pelos Cadernos da *Seara Nova*, em que a sua formação marxista facilmente se detecta. Salvado Sampaio manifesta a sua concordância com o autor quando este refere a unidade existente entre os problemas económicos-sociais e os pedagógicos, mas discorda da posição idealista de Lobo Vilela que o força a isolar o espírito da matéria, “apresentando como irreduzível o que não é mais que dois aspectos da mesma realidade.” No final do texto, Salvado Sampaio nota que Lobo Vilela “frisa o aspecto automatizador da máquina, sem referir o aspecto libertador. A crítica de L. V. será justa, desde que se refira às sociedades onde o produtor só vale como instrumento de lucro, fazendo vigorar a prática de sistemas de trabalho anti-humanos, que conduzem à despersonalização.

Porém, as relações do operário com a máquina não têm necessariamente esta forma; procede-se irrisoriamente atribuindo à máquina «males» que são fruto exclusivo da estrutura económico-social.”

A citação deste seu texto de estreia na *Vértice* foi longa, porque ela deixa bem evidente a família ideológica a que Salvado Sampaio pertence e pertencerá.

Salvado Sampaio só voltará a colaborar no nº 305 da *Vértice*, de Fevereiro de 1969, com um artigo intitulado “Investimentos financeiros e educação”, assinado S., em que considera que “toda a política educacional a realizar entre nós pressupõe necessariamente o aumento notório de investimentos neste sector, sem o que ficará, antecipadamente, condenada.” Esta afirmação é sustentada pelo *Annuaire Internationale de L'Éducation*, referente a 1967, onde há a indicação de que Portugal ocupa o último lugar, num vasto conjunto de países, na percentagem do Rendimento Nacional atribuída à educação, 1,7% em confronto com os 7,5% da Holanda

e os 7,4% da Dinamarca e da Finlândia. Mesmo a Grécia, situada em penúltimo lugar, atribui à Educação uma percentagem de 2,3% do seu Rendimento Nacional.

Salvado Sampaio conclui que, embora “as questões levantadas pela Educação e Ensino não se situem em mero plano financeiro, são por ele fortemente condicionadas.

No nosso caso, constituem um problema prioritário, que tem de ser resolvido em termos diversos dos até hoje seguidos. Se assim não se proceder, não será possível efectuar-se uma verdadeira e vasta promoção cultural, que é ao mesmo tempo económica e cívica”.

No número 309 da *Vértice*, de Junho de 1969, assinando S., publica um estudo com o título “O quantitativo de professores primários em 1973-74”. O autor chama a atenção para o número de professores que é preciso preparar por ano nos sete anos que medeiam entre 1966/67 e 1973/74, nas duas hipóteses por ele consideradas que, num caso, seriam 2.307 e no outro 2.702. Esforço que o preocupa em face do que aconteceu entre 1962/63 e 1966/67 em que o número de conclusões do Magistério Primário veio descendo todos os anos, passando de 2.147 para 1.255 o que significa uma diminuição de 42%.

Sampaio conclui, notando que “adivinha-se por estes números que não pecam por exagero, o esforço a fazer neste campo”. E acrescenta, na defesa da qualidade do ensino e das condições profissionais dos docentes, que “só se tirarão resultados proveitosos, se os agentes de ensino se encontrarem devidamente habilitados ao exercício da função e se usufruírem condições possibilitadoras de porem em prática a formação adquirida”.

Finalmente, é de assinalar o último artigo publicado na *Vértice* até 1974, surgido no nº 313, de Fevereiro de 1970, intitulado “A expansão do ensino”, uma vez mais assinado S., em que considera que o planeamento da educação é um “meio imprescindível ao desenvolvimento económico e social (...). O planeamento promoverá o fomento de dois aspectos indissociáveis que alguns porfiam em considerar antagónicos: os elementos quantitativos e qualitativos. Parte-se do errado pressuposto de que a expansão dos primeiros acarreta a diminuição dos segundos, o que, a ser verdade, constituiria

um forte argumento contra a expansão do ensino. Perfilhamos a opinião de René Maheu, director-geral da UNESCO, inserta no artigo *Crise da Educação, Crise de Civilização*: «as concepções do planeamento não optam já entre a quantidade e a qualidade, entre expansão e renovação da educação, antes reconhecem, proclamam, demonstram que umas e outras são solidárias e por conseguinte devem unir-se e reforçar-se mutuamente».” Mais adiante Sampaio afirma que “todos os que contrariam a expansão do ensino, alegando inexistentes prejuízos de natureza qualitativa, negam a democratização do ensino e, ao mesmo tempo, opõem-se à mutabilidade social, julgando reforçar um tipo de sociedade imobilista.”

Desta extensa citação permito-me realçar dois aspectos, o da coerência de pensamento pois ouvi-o contraditar os responsáveis pelo Ministério da Educação, na parte final do consulado de Cavaco Silva, por distinguirem os aspectos quantitativos dos qualitativos e por defenderem que primeiramente era necessário tratar dos primeiros e só depois dos segundos, e o da fidelidade ao ideário marxista quando defende que a democratização do ensino só tem sentido se for factor de transformações sociais.

Mais tarde escreverá que “o ensino constitui o mais poderoso condicionante do progresso económico e da conquista da dignificação humana”. (*O Século*, 17.02.70).

Da colaboração dispersa por diversos órgãos da Comunicação Social, começarei por referir a que foi coligida no livro *Temas de Educação* (Edições Universitárias Lusófonas, 2006), organizado e apresentado por Áurea Adão, com uma nota introdutória de António Teodoro.

O livro está estruturado em três partes. A primeira, intitulada *DA EDUCAÇÃO*, agrega, no seu primeiro segmento, oito artigos publicados no jornal *O Século*, entre 17 de Fevereiro e 6 de Novembro de 1970. É interessante assinalar que o artigo publicado em 7 de Março, onde Salvado Sampaio condena a bifurcação ciclo complementar do ensino primário/ciclo preparatório do ensino secundário, porque esta medida “constitui um poderoso óbice à democratização do ensino”, termina com uma referência de natureza sindical. Escreve o autor: “Em Portugal, contrariamente ao que sucede no mundo europeu, os docentes do ensino oficial não se podem aglutinar em associações

que os representem. Eis uma falha que cumpre vencer, com grandes vantagens para o Ensino e para o País”.

No artigo publicado em 9 de Junho, intitulado *Uma questão prévia*, Salgado Sampaio toca em questões essenciais do mundo da educação ao considerar de inegável acuidade “as questões levantadas pela inexistência do ensino infantil oficial e por um ensino primário e secundário fossilizados”. De seguida acrescenta: “de igual modo o combate ao analfabetismo, nódoa estranhamente silenciada, e a efectivação de uma escolaridade obrigatória que, além de se não cumprir, necessita de ser prolongada, revestem-se da maior actualidade e premência.” Eis alguns aspectos que Sampaio não mais deixou de acompanhar e sobre eles reflectir e opinar.

O segundo segmento da primeira parte é composto por cinco artigos publicados no *Diário de Lisboa*, de 17 a 28 de Agosto de 1965, dedicados a uma rica e diversificada reflexão sobre o “ciclo unificado”.

No último artigo, Salgado Sampaio considera que “O Ciclo Unificado terá um carácter orientador de forma a que os alunos possam, mais tarde, seguir a carreira mais conforme às vocações. Para que assim seja, é necessário criar as condições que facilitem o acesso aos graus superiores de ensino, independentemente de factores económicos”. Uma vez mais aqui encontramos uma referência à necessária democratização do ensino, uma preocupação de toda a sua vida.

Deparamos depois com um artigo sobre *O Ciclo Preparatório do Ensino Secundário*, publicado no número de Dezembro de 1968, da revista *Seara Nova*, em que o autor defende a unificação da escolaridade básica, como mais tarde virá a acontecer com a reforma de Rui Grácio, acompanhando aqueles que “*refutam* os ensinamentos paralelos estabelecidos a partir dos 10, 11, 12 anos, num momento em que não é viável descobrir aptidões”. E o pensador progressista acrescenta: “a selecção precoce *favorece as crianças dos meios sociais cultivados.*”

No artigo intitulado *COLÓQUIO DE AMIENS: ACONTECIMENTO PEDAGÓGICO DA MAIOR IMPORTÂNCIA* (Jornal *A Capital*, de 13.08.1968), Salgado Sampaio analisa os temas que estiveram em debate e conclui que “a função educativa considera-se primordial na nossa sociedade o que se explica por vivermos ‘num mundo em mutação rápida, caracterizado por um desenvolvimento tecnológico

fulgurante, por uma multiplicação acelerada de conhecimentos e por uma crescente incerteza do futuro’.” Sampaio tematiza uma questão que mantém hoje toda a acuidade.

A segunda parte do livro *Temas de Educação* é formada por três sub-capítulos: *AUTÓPSIA DOS EXAMES* (três artigos publicados no *Diário de Lisboa*, em 22, 23 e 24 de Julho de 1963), *EXAMES E DOCIMOLOGIA* (oito artigos publicados no *Diário de Lisboa*, de 14 a 25 de Agosto de 1966), *A PROPÓSITO DOS EXAMES* (série de doze artigos publicados no *Diário de Lisboa*, em 23 e 26 de Agosto e de 2 a 18 de Outubro de 1967).

A terceira e última parte é constituída por dois sub-capítulos: o primeiro, publicado no *Seara Nova* de Fevereiro de 1969, intitulado *Sobre a situação do Professorado Primário* e o segundo relativo aos *Problemas dos Agentes de Ensino*, abordados em quatro artigos publicados no *Comércio do Porto* em 6, 13 e 20 de Dezembro de 1969 e em 3 de Janeiro de 1970.

Com esta especificação apenas pretendemos mostrar a presença diuturna de Salvado Sampaio na imprensa portuguesa ao longo de muitos anos e nanja analisar os múltiplos conteúdos das suas reflexões e análises, cuja seriedade e rigor ainda as mantêm vivas e proveitosas nos dias de hoje.

Antes de fecharmos este registo da presença de Salvado Sampaio na imprensa portuguesa antes do 25 de Abril de 1974, de que ainda há a ressaltar a colaboração, desde a primeira hora, dada ao seu tão estimado *Jornal do Fundão*, permita-se-me que refira ainda a palestra proferida em 22 de Março de 1971, a convite da Ordem dos Engenheiros, sobre o *Projecto da Reforma do Ensino*, publicada na *Seara Nova* (nº 1507 de Maio de 1971), com o título de *Notas Críticas sobre o Projecto do Sistema Escolar*. Nele se afirma, com a clareza que a censura permitia, a posição de um democrata e de um homem de esquerda. É deste ponto de vista que Salvado Sampaio escreve: “No **Projecto**, que estamos discutindo, aceita-se a democratização do ensino. Consigna-se que **«todos**, em regime de igualdade de oportunidades, devem encontrar neste sistema as vias que asseguram o seu direito à educação». Afirma-se ainda que o «sistema proposto procurará garantir uma **individualização**

e **diversificação** do ensino, dentro do princípio de igualdade de oportunidades, independentemente das condições sócio-económicas de cada um».

A mera enunciação de princípios não basta, todos o sabemos, à realização destes princípios.

O princípio da escolaridade obrigatória, exarado pela primeira vez em 7 de Setembro de 1835, há 136 anos, ainda hoje está longe de ser cumprido. Se indagarmos as causas deste facto, seremos levados a filiá-lo na inexistência duma estrutura social que se concilie com este preceito. (...) Perguntamos em que medida será viável a democratização do ensino, numa sociedade não democrática, no duplo sentido político e social? É interessante notar como a marca do marxista está presente ao não esquecer duas vertentes essenciais da democracia, a vertente política e a vertente social ou, se preferirem, ao explicitar que a democracia não é apenas a democracia política.

Coerente que foi a vida toda, é sem surpresa que vemos José Salvado Sampaio, liberto do garrote da censura, citar Georges Snyders, pensador de orientação comunista, no artigo **Educação e Política** (*O Professor*, nº 17, Março de 1977): “A proclamação duma escola apolítica, acima das classes, fora da luta de classes, que estaria ao serviço da sociedade no seu conjunto e visaria ao desenvolvimento de todas as crianças, ao desabrochar da personalidade, não é mais do que, afirma Lenine, uma hipocrisia burguesa destinada a enganar as massas”. E Sampaio acrescenta: “Se encararmos a realidade portuguesa, e cumpre-nos citar uma obra esclarecedora intitulada *Educação, Acto Político*, [de Agostinho Reis Monteiro, Porto, 1975] verificamos a justeza do que afirma Snyders.”

Aproveito, a terminar este capítulo, para referir a vastíssima colaboração de Salvado Sampaio inserta na revista *O Professor*, constituída não só por artigos e estudos mas também por resenhas críticas de obras de índole variada, dando assim continuação à sua estreia como colaborador da revista *Vértice*.

Só mais um apontamento, este também de ordem afectiva, para referir a colaboração de Salvado Sampaio, desde o número 1, na *Escola Democrática* dirigida por José Francisco Nereu, precocemente desaparecido, que foi chefe de redacção de *O Professor*, então

dirigido por uma grande figura de cidadão, de professor, de ensaísta, investigador e historiador da Educação, chamado Rogério Fernandes, infelizmente já falecido quando havia ainda muito a esperar da sua inteligência e do seu labor intelectual.

V

UMA CIDADANIA ACTIVA

O percurso cívico de José Salvado Sampaio é a caminhada de uma vida. Iniciado na adolescência, fortalecido na juventude, prosseguiu até ao fim dos seus dias. É o percurso de um homem multifacetado, “compagnon de route” do PCP, que ao longo dos anos nos vai revelando as suas vertentes de pedagogo, de sociólogo, de professor distinto, de investigador sério e rigoroso, de agente de cultura. Sampaio foi um homem que “nunca se deixou acomodar”, numa bela síntese de seu neto Pedro Sampaio expressa na homenagem que a FENPROF prestou a José Salvado Sampaio, no Dia Mundial dos Professores, no Fundão, em 16 de Outubro de 2010.

O homem de esquerda, de formação marxista, que afirmava que “as posições de esquerda alicerçam-se na reflexão e pesquisa e afastam o monolitismo catecismal”, (in *Debates de Intervenção Democrática, MOEDA ÚNICA – Que Desenvolvimento? Que Soberania?*, edição da Associação Intervenção Democrática, 1998) filiou-se no MDP/CDE de que foi militante activo e dirigente por todos respeitado. Após a extinção deste partido, Salvado Sampaio foi um dos fundadores da Associação de Intervenção Democrática (ID) e membro da sua Direcção até ao fim da vida.

A vida partidária que Salvado Sampaio abraçou abertamente depois do 25 de Abril de 1974 não confinou a actividade cívica de um homem que não só através da palavra mas também da acção jamais deixou de participar na vida do seu país. Fernando Paulouro Neves traçou um impressionante retrato dessa generosa actividade de Salvado Sampaio na intervenção produzida, no dia 16 de Outubro de 2010, na homenagem já citada. Escreveu o director do *Jornal do Fundão*: “Vejo o dr. Salvado Sampaio, com o rigor do seu pensamento, a escrever desde sempre no meu jornal, ao longo de seis décadas, milhões de

palavras civicamente irrepreensíveis, verticais de independência, abertas à pluralidade do confronto, libertas de preconceitos e de dogmas, escritas com a limpidez de um propósito: a libertação do homem.” Belo retrato onde cintila a personalidade do cidadão íntegro, do homem tolerante que como tal se assume, porque “uma posição racional, e de esquerda, implica uma posição de tolerância e uma posição de firmeza de actuação. Eu sou uma pessoa tolerante, mas sou tão hostil ao terrorismo que destruiu as torres de Nova Iorque como sou hostil ao terrorismo que quer promover a guerra no Iraque”. (in *À ESQUERDA: QUE RESPOSTA?*, edição da Associação Intervenção Democrática, Dezembro de 2005). Paulouro Neves acrescenta ao perfil do intelectual alguns traços de Salvado Sampaio enquanto cidadão interventor: “Vejo-o também na aventura cultural do Jornal do Fundão, sempre ao lado de António Paulouro, seja na visita de Juscelino Kubitschek ao Fundão, seja nas sessões com escritores (...), no Encontro Nacional de Teatro ou no Encontro de Emigrantes e nas Jornadas da Beira Interior, mas também nas horas más, onde a sua solidariedade era total, como aconteceu, em 1965, quando o fascismo salazarista suspendeu o jornal por ter publicado um suplemento literário que noticiava a atribuição do Prémio da então Sociedade Portuguesa de Escritores a Luandino Vieira.”

Na Vida Sindical, deixou Salvado Sampaio a marca da qualidade e do seu grande empenhamento na realização de tudo para que era solicitado. A sua costela sindical não nasceu com a Revolução dos Cravos. Na verdade, Salvado Sampaio pertenceu a um grupo que, em 1945, pretendeu criar um Sindicato de Professores que a Ditadura reprimiu. Logo após o 25 de Abril de 1974, Salvado Sampaio surge, activo e solidário, na luta pela criação do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (SPGL), com que sempre colaborou, numa demonstração mais da sua grande disponibilidade para os outros.

Salvado Sampaio foi ainda membro do Conselho Nacional da FENPROF do 1º ao 7º Congressos (1983-2004) e membro do Conselho Nacional da CGTP-IN entre o 5º e o 7º Congressos (1986-1993); foi o primeiro presidente da direcção do Instituto Irene Lisboa, uma criação da FENPROF; foi membro do Conselho Nacional de Educação, em representação da CGTP-IN (1988-2004), onde deixou marcas profundas do seu labor quer em Pareceres de que foi relator

quer nas Comissões Especializadas quer nos Plenários, onde a sua opinião era atentamente escutada tal como acontecia nas iniciativas do SPGL e da FENPROF, como tantas vezes pude testemunhar. Do que foi a sua intervenção no Conselho Nacional da CGTP-IN nos dá nota o antigo dirigente daquela Central, Américo Nunes: “Conheci o professor José Salvado Sampaio (...) quando este foi membro do CN da CGTP-IN (...). Era um homem de um humanismo sem paralelo, olhar arguto e inteligente, mas discreto, de ironia fina e capacidade de análise profunda. Intervinha sempre. E quando falava, nunca mais de três a cinco minutos, fazia-se silêncio total na sala. As suas palavras calavam sempre fundo na reunião, e dizia, em regra, mais naqueles três ou cinco minutos do que alguns de nós numa hora de discursos arrebatados.”

Salvado Sampaio recebeu em vida a Medalha de Prata do município do Fundão e o Presidente da República, Jorge Sampaio, distinguiu-o, em 1988, como Grande-Oficial da Ordem da Liberdade.

VI

MORREM CEDO OS QUE ADMIRAMOS

David Lopes Ramos, que foi um homem bom e um jornalista brilhante, escreveu algures sobre alguém que “morrem cedo os que admiramos”, frase que todos os que conheceram e conviveram com Salvado Sampaio eram capazes de subscrever ao evocar a sua memória. Uma memória esparsa por muitas cidades e vilas onde participou, como ele dizia com discreto orgulho, em mais de mil sessões públicas sobre matérias cívicas, culturais, políticas e educacionais.

De entre as manifestações que traduzem um inegável e fundo apreço pela figura de José Salvado Sampaio, surgidas após a sua morte, destaco as da Assembleia Municipal e da Câmara Municipal de Lisboa. A primeira exarou um voto de pesar (voto de Pesar n° 2/06) em que se lê: “A Assembleia Municipal de Lisboa aprovou por unanimidade na reunião de 21 de Fevereiro um voto de pesar pelo falecimento do Dr. José Salvado Sampaio, cidadão profundamente empenhado na causa pública, professor e pedagogo, sindicalista e investigador em

Educação e Ensino, recomendando à Câmara Municipal de Lisboa ‘a atribuição do seu nome a uma rua de Lisboa’.” Na Reunião Pública de Câmara, de 22 de Fevereiro de 2006, a Vereação subscreve por unanimidade a decisão aprovada pela Assembleia Municipal, sob proposta dos Vereadores do PCP. E assim, a cidade de Lisboa passa a ter, na freguesia da Charneca, a Av. Dr. José Salvado Sampaio.

Mas os professores também o souberam homenagear, atribuindo o seu nome à EB1, situada na Rua Dr. Cunha Seixas, em Benfica, que hoje tem o nome de “Professor José Salvado Sampaio”. Por sua vez, o Sindicato dos Professores da Região Centro tem, na sua fachada, uma lápide evocativa de Salvado Sampaio. O Conselho Nacional de Educação aprovou, por unanimidade, em sessão plenária, um voto de pesar, apresentado por Dulce Rebelo, Paulo Rodrigues e Paulo Sucena. A Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN também presta homenagem à memória de José Salvado Sampaio, em 3 de Fevereiro de 2006, dois dias após a sua morte, com um texto evocativo do professor, do pedagogo e do militante político e sindical. A FENPROF, como já foi referido, comemora o Dia Mundial do Professor, em 2010, evocando a figura de José Salvado Sampaio e hoje o seu Sindicato, o SPGL, inaugura uma exposição evocativa de Salvado Sampaio e promove esta sessão evocativa daquele que foi um admirável exemplo de cidadão, de intelectual, de professor, de investigador, de sindicalista, de militante político e de lúcido e empenhado interventor na *res publica*.

Um seu antigo aluno, porventura quem melhor sabe avaliar os professores, João Tunes, publicou na internet, ao saber da morte de Salvado Sampaio: “Faltar-nos o nosso melhor Mestre é duro. Uma orfandade de luto difícil, assim a modos que ficar a olhar para a concha da mão e encontrar nela uma estrela partida”.

Porém, partida ou inteira, uma estrela, porque é sempre estrela, não perde o poder de cintilar.

(Intervenção realizada na Sede do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, em 2 de Maio de 2011, dia do aniversário do Sindicato, numa sessão de homenagem a José Salvado Sampaio).

40 ANOS
40 
FENPROF

maio 2023